

Covid-19 e os Desafios para a Realização de Pesquisa Etnográfica em Meios Digitais¹

Ana Cristina da Silva BANDEIRA²
Suzana da Silva RANGEL³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta elementos de problematização sobre desafios que surgiram durante a pandemia de Covid-19 para a realização de pesquisas etnográficas nas áreas interdisciplinares de Comunicação e Educação. Traz experiências vividas no desenvolvimento da pesquisa de dissertação de mestrado "Arte digital imersiva: comunicação sinestésica em mídias digitais", que busca investigar como a arte imersiva em mídias digitais produz sentidos e atravessa estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola municipal da rede pública de Niterói (RJ) e encontra-se inserida no portfólio das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos em Comunicação e Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS/UFF/CNPq), coordenado pela professora Walcéa Alves (PPGMC/UFF e FEUFF).

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e educação; etnografia; pandemia covid-19; plataformas digitais; tecnologias e mídias digitais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta elementos de problematização sobre os novos desafios que surgiram durante a pandemia de Covid-19 para a realização de pesquisas com abordagem etnográfica nas áreas interdisciplinares de Comunicação e Educação. Encontra-se inserido no portfólio das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos em Comunicação e Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS/UFF/CNPq), coordenado pela professora Walcéa Alves (PPGMC/UFF e FEUFF). Desde 2017, o NECEERS realiza pesquisas de campo em uma escola municipal de Niterói, investigando as redes de significação que se formam a partir das representações sociais no ambiente escolar quando permeadas pelas tecnologias digitais nas práticas educativas. As pesquisas, que abarcam a comunidade escolar referente à Educação Básica, têm em Paulo Freire (1987) o aporte para enxergar o aluno enquanto

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Digital e Tecnologias, do PENSACOM BRASIL 2021.

² Mestranda do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF, email: anabandeira@id.uff.br

³ Mestranda do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF, email: suzanarangel@id.uff.br

um ser social, levando o grupo a produzir projetos e propostas que possam contribuir para uma educação emancipatória e libertadora, em diálogo com a perspectiva de leitura crítica das mídias (KELLNER, 2001).

O desenvolvimento da pesquisa de dissertação de mestrado por ora intitulada "Arte digital imersiva: comunicação sinestésica em mídias digitais" parte da hipótese que as mídias digitais utilizadas em um contexto artístico podem ser um instrumento lúdico de contribuição aos processos de ensino-aprendizagem. Por este motivo, busca investigar como a arte imersiva em mídias digitais produz sentidos e atravessa estudantes do Ensino Fundamental II da escola *locus* das pesquisas do NECEERS. Iniciada em 2021, ainda no auge do enfrentamento à pandemia de Covid-19 – que chegou ao Brasil em 2020, mas que no início de 2022 segue ativa e afetando o cenário acadêmico –, teve seus processos impactados pela insegurança sanitária. Quando a necessidade de pensar um dia por vez se impôs, tanto os objetos de pesquisa como os próprios pesquisadores foram diretamente afetados.

Essa situação inesperada, que limitou a circulação e a aproximação de pessoas, fez das tecnologias de informação e comunicação (TICs) o principal meio de contato externo, exigindo, conseqüentemente, uma adaptação dos procedimentos de pesquisa. Deste modo, plataformas digitais de comunicação se configuraram como únicos espaços possíveis de desenvolvimento de pesquisas de cunho etnográfico durante a pandemia, já que prosseguir com trabalhos de campo presenciais não era viável.

ENTENDENDO A ETNOGRAFIA

A etnografia é um método de investigação que reúne técnicas que contribuem para o trabalho de observação do pesquisador, principalmente a partir da observação participante e da descrição densa (GEERTZ, 1989). Sua grafia vem do grego graf(o), que significa escrever sobre, e etn(o), referente a uma sociedade em particular. É, portanto, uma especialidade da Antropologia que tem a finalidade de estudar e descrever os povos e as manifestações de suas atividades. É a escrita daquilo que é visível. Baseia-se no contato intersubjetivo com o objeto de estudo, uma vez que o pesquisador se insere em uma comunidade para realizar sua pesquisa (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 35), e depende da inteligência, da imaginação científica, da

qualidade de observação e da sensibilidade do etnógrafo, além de conhecimento sobre o contexto estudado. (MATTOS, 2011, p.53, 54).

Carmem Mattos (2011) afirma que a etnografia é um processo guiado pelo senso questionador do pesquisador e que, portanto, não há um padrão rígido para a utilização de técnicas e procedimentos. No entanto, para um bom trabalho etnográfico ser realizado, é importante que se faça um detalhamento criterioso na descrição dos acontecimentos, por meio da transcrição linguística verbal e não verbal de comportamento. Ou seja, olhares, pausas, tom de voz, todos os detalhes das interações e seus significados devem ser registrados. (ERICKSON, 1982, 1992; KENDON, 1977 apud MATTOS, 2011, p.55, 56). O etnógrafo não é apenas um *voyeur*, mas alguém que interage e compartilha algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Alguém que está em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno (HINE, 2000, p. 47 apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 39).

No âmbito da Educação, a etnografia contribui para a descoberta da complexidade dos fenômenos educacionais. E sua finalidade é compreendê-los estando “do lado de dentro”. (JARDIM, 2013, p. 7224-7226). A experiência de campo, portanto, é a base do método da pesquisa etnográfica, é o meio no qual o pesquisador imerge na realidade do objeto de estudo para se desconstruir e se abrir à observação. Ao “esquecer-se de si”, o pesquisador obtém uma verdadeira “conversão do olhar” que é lançado sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. Esse acolhimento “inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é” (BOURDIEU, 2007, p. 704). Deste modo, é possível captar as representações e edificar os sentidos construídos na pesquisa. Assim, ele se constitui enquanto pesquisador em pleno ato comunicacional com o outro e com a teoria, postulando seus pressupostos, sua interpretação e sua própria teorização.

O que o etnógrafo enfrenta [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas [...] que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de seu trabalho de campo [...]: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”)

um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 20).

Segundo Juliana Jardim (2013, p.7224-7226), é fundamental realizar a contextualização social dos comportamentos descritos e a busca de seus significados. A realização da descrição densa só é possível quando há a imersão e a aceitação do etnógrafo dentro do contexto investigado. “[...] a partir da inserção do pesquisador no campo, mesmo que ele não se identifique e não seja um participante previamente inserido na cultura em questão, há uma transformação no objeto”. (AMARAL, 2010, p. 131). E tudo isso deve ser observado e registrado nos diários de campo do pesquisador.

E A ETNOGRAFIA VIRTUAL?

A etnografia virtual ou netnografia segue as premissas básicas da pesquisa etnográfica de Geertz (1989): mantém o estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; considera a subjetividade, as textualidades múltiplas do relato etnográfico e os dados resultantes como interpretações de segunda e terceira mão. Pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia sem seguir uma receita, sendo simplesmente um artefato e não um método protocolar. É uma metodologia adaptativa, inseparável do contexto onde se desdobra. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 37, 38).

No desenvolvimento de diálogos da pesquisa etnográfica com a contemporaneidade, a netnografia desponta no campo metodológico, em suas especificidades e dilemas, se configurando como uma possível e viável forma de dar continuidade às pesquisas que foram impactadas pelo distanciamento social. Ela é capaz de ampliar as perspectivas do campo, já que o hibridismo das práticas metodológicas foi fortalecido durante a pandemia e por essas novas maneiras de se relacionar. “[...] a etnografia virtual se dá no e através do *online* e nunca está desvinculada do *offline*, acontecendo por meio da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio”. (HINE apud AMARAL, 2010, p. 125).

Portanto, a netnografia mostra que é possível conviver com os sujeitos no ciberespaço e por intermédio do ciberespaço. A distância física que ocorre, inclusive, supõe repensar a abordagem utilizada pelo pesquisador, que precisa constantemente

interagir com seu objeto de estudo no meio digital. As conversas *on-line* diluem as fronteiras entre o real e o virtual. Essas trocas intersubjetivas possibilitam legitimar e reconhecer a legitimidade do outro nos processos de produção de conhecimento exercidos cotidianamente nas redes sociais e na internet. Ao adotar na investigação a perspectiva de trabalhar com os sujeitos – e não sobre eles – o próprio sujeito se torna um coautor na construção coletiva do conhecimento. Deste modo, todos se afetam e se deixam afetar na troca. (COUTO JUNIOR, 2013, p. 923-926).

Considerando-se os parâmetros que configuram a netnografia, pontuamos que, neste trabalho, a etnografia virtual é entendida a partir das experiências de pesquisa que vivenciamos durante o ano de 2021: mediada por plataformas de comunicação digital para videoconferências, que viabilizaram o contato com o campo de modo síncrono – principalmente as de uso gratuito, como as plataformas do Google e a plataforma digital de postagem de conteúdos escolares da rede municipal de Niterói, onde pudemos acompanhar as interações dos estudantes com a escola, os docentes e as atividades escolares. Cabe pontuar, a partir do que foi vivido nos primeiros meses da pesquisa, que essa estrutura metodológica pode não funcionar como se espera para determinados grupos.

DIFICULDADES EVIDENCIADAS PELA PANDEMIA

A exclusão digital ainda é uma questão muito presente em nossa sociedade e ameaça os avanços do conhecimento científico por meio das tecnologias, uma vez que deixa as desigualdades do país ainda mais evidentes. No caso da Educação, principalmente no ensino público, essa situação ficou muito clara nos anos de 2020 e 2021. Em um universo de 3.618 gestores escolares do país que participaram da pesquisa TIC Educação 2020 (2021), 86% citaram a falta de dispositivos como celulares e computadores e o acesso precário à internet nos domicílios dos estudantes como os maiores desafios enfrentados pelos alunos no último ano. Segundo 93% desses profissionais, os pais e responsáveis também tiveram muita dificuldade em orientar e apoiar seus filhos nas atividades pedagógicas *on-line*. Além das dificuldades técnicas de acesso às TICs e à própria internet, outro fator relevante para a complicação no cenário escolar em período pandêmico foram os problemas psicológicos desenvolvidos por docentes e discentes.

De acordo com os dados levantados pela pesquisa Educação Não Presencial na Perspectiva dos Alunos e Famílias (2020), realizada com 1.997 estudantes de escolas públicas, o índice de estudantes desmotivados com os estudos durante a pandemia aumentou 57% apenas em 2021 – na região sudeste esse número foi ainda maior, chegando a 63%. No mesmo período, o risco de abandono escolar por não ser possível acompanhar as aulas *on-line* chegou a 42% (sendo 46% para estudantes dos anos finais do ciclo básico). De acordo com a pesquisa Sentimento e Percepção dos Professores Brasileiros nos Diferentes Estágios do Coronavírus no Brasil (2020), realizada com 7773 pessoas, 67% dos respondentes estavam se sentindo ansiosos, 38% cansados, 36% entediados, 35% sobrecarregados, 34% estressados e 27% frustrados.

Esses dados também foram comprovados na escola em Niterói. Uma pesquisa realizada por integrantes do NECEERS no início de 2021, com uma amostra de 51 alunos do Ensino Fundamental II, constatou que 51% dos estudantes possuíam limitação de acesso à internet e 37% tinham problemas de conexão. Mesmo que 90% dos alunos tivessem aparelhos de celular com internet, 39% precisavam dividi-lo com a família – portanto, se uma pessoa que possui três filhos na escola precisa sair para trabalhar, e é a única da casa portadora de um aparelho celular, três crianças não conseguem acessar a plataforma digital para as aulas síncronas. Outro fator muito relevante foi o fato de que 35% dos estudantes não sabiam usar as plataformas que foram disponibilizadas para as aulas remotas – tanto as do Google para a Educação como a Niterói em Rede, da rede municipal de ensino da cidade.

Essa informação foi salientada pela professora de Inglês do Ensino Fundamental II, que já recorria (mesmo antes da pandemia) a aplicativos pedagógicos e afirmou ainda existir uma enorme barreira entre os alunos e as plataformas pensadas para o ensino. Apesar de eles estarem bastante acostumados com as redes sociais, como o Tik Tok, o Instagram, o Facebook e o Youtube, o conhecimento digital dos jovens é muito restrito. Eles praticamente desconhecem plataformas de cunho pedagógico, o que indica a existência de uma enorme falta de letramento midiático para crianças e adolescentes do ensino público.

[...] o deslocamento do ambiente educacional presencial para o virtual ocorreu de forma inopinada. Nesse sentido, esteve-se ausente uma instrumentalização tecnológica que servisse de apoio tanto para

educadores, como para os estudantes; uma vez que, por mais que as crianças e adolescentes estejam familiarizados com o ciberespaço, os seus usos de costume estão para além de plataformas digitais pedagógicas. [...] precisa-se considerar a democratização do acesso à internet como elemento fundamental para garantir esse processo ativo e criativo dos sujeitos da aprendizagem na construção da cibercultura escolar [...] (OLIVA, 2021, p. 457, 458).

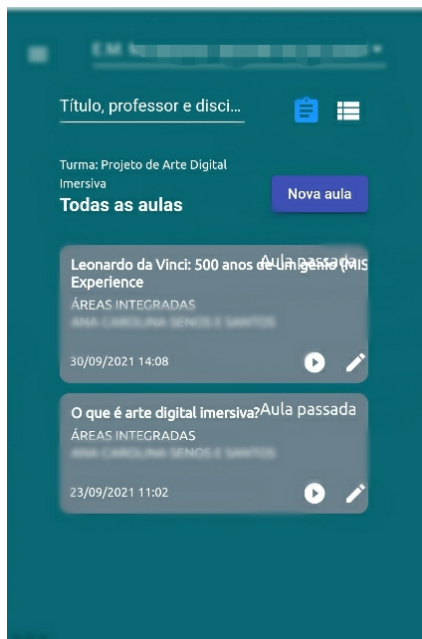
A pesquisa do NECEERS ainda constatou que 57% dos alunos acessavam a plataforma às vezes, mas 21% nunca chegaram a acessá-la – isso significa que 21% dos estudantes da escola que foram entrevistados ficaram praticamente dois anos sem assistirem às aulas, tendo contato com as disciplinas apenas por meio de apostilas impressas que eram entregues pelas professoras aos pais que iam buscá-las na escola. Essa pesquisa indicou que 78% dos alunos tiveram dificuldades de aprendizagem na pandemia, 69% apontaram problemas de concentração e 39% estavam desmotivados. Todos esses dados se refletiram diretamente nas aulas do “Projeto de Arte Digital Imersiva”, primeira atividade proposta pela pesquisa “Arte digital imersiva: comunicação sinestésica em mídias digitais”. Houve uma significativa falta de adesão dos alunos.

“PROJETO DE ARTE DIGITAL IMERSIVA”

Na tentativa de iniciar o projeto de forma remota, em dois encontros síncronos para um grupo de 54 alunos (equivalente a duas turmas do 6º ano que assistiriam juntas às aulas), apenas duas alunas compareceram e três – as mesmas duas alunas e um terceiro estudante – participaram das atividades assíncronas relativas àqueles dois encontros. Os demais 51 alunos não chegaram a entrar nas páginas (Imagens 1 a 3) onde os conteúdos de aula foram publicados – o sistema indica as pessoas que visualizaram a atividade (Imagem 4)⁴. Isso significou uma “evasão digital” de 95% da turma. As duas crianças que compareceram às aulas ao vivo também enfrentaram problemas de conexão com a internet. Ambas caíram mais de uma vez do ambiente digital, principalmente quando tentavam ligar suas câmeras. Para conseguirem participar das aulas, elas tiveram de deixar suas câmeras desligadas. O fato de não poder visualizar o objeto de estudo, nem o contexto ao qual ele está inserido durante o trabalho de campo virtual causa reflexos diretos a uma pesquisa etnográfica.

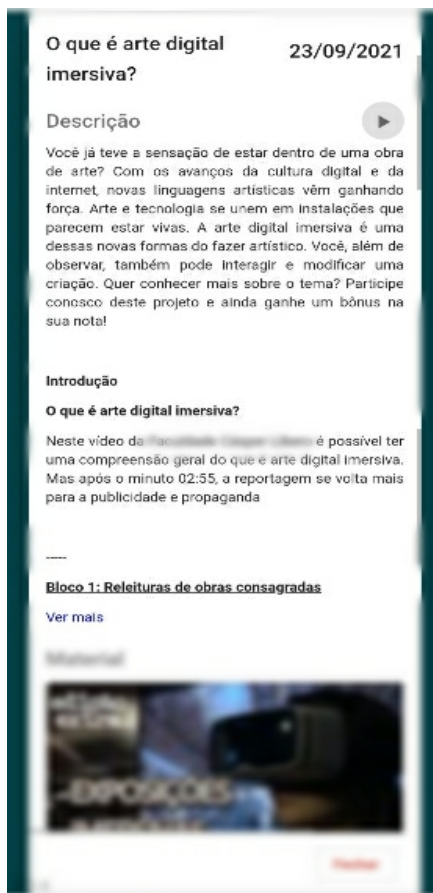
⁴ As imagens são referentes à visualização por celular, para se aproximar da realidade de grande parte dos alunos.

Imagem 1 – Página principal do “Projeto de Arte Digital Imersiva”



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 2 – Página referente a uma das aulas dadas



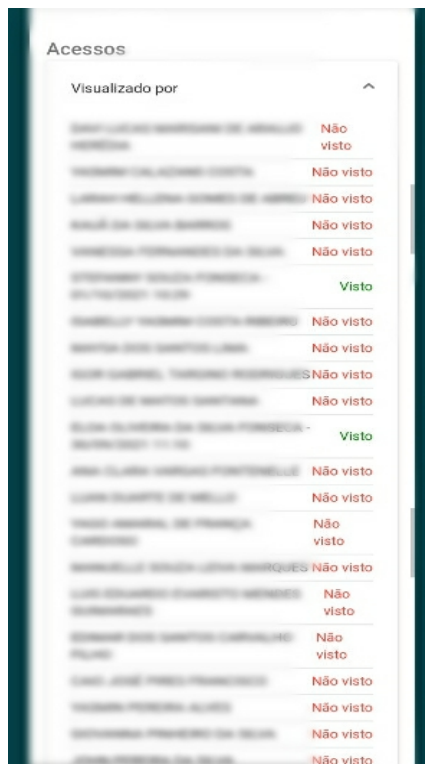
Fonte: arquivo pessoal

Imagem 3 – Área para *chat* com os alunos na página da aula



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 4 – Lista de alunos que visualizaram a aula



Fonte: arquivo pessoal

A microanálise etnográfica da interação é o estudo minucioso da interação entre pesquisador e objeto de estudo por meio dos registros audiovisuais realizados no trabalho de campo, sendo um componente potencialmente útil de um estudo etnográfico na área da Educação, uma vez que documenta em detalhes os processos – e com precisão ainda maior do que a observação participante (ERICKSON, 2004). Ao realizar etnografia virtual por meio de plataformas digitais de comunicação, é possível gravar em vídeo as interações com o campo, portanto, fazer uso da ferramenta de microanálise. “É importante ter informações exatas sobre a fala e comportamento não verbal de participantes particulares na cena. É também importante [...] identificar nuances sutis de significado que ocorrem na fala e ação não verbal”. (ERICKSON, 2004, p. 95).

No entanto, quando há problemas significativos de conexão com a internet, como os enfrentados pelas duas alunas que compareceram às aulas síncronas, tanto a observação participante quanto a microanálise não funcionam plenamente, uma vez que não se pode registrar – seja no diário de campo ou no vídeo – os gestos, as expressões, nem o ambiente onde os sujeitos se localizam. São registradas apenas as interações por áudio e as trocas que ocorrem no espaço para *chat* por escrito que a plataforma disponibiliza. Deste modo, torna-se impraticável prestar atenção às informações que vão “além da tela”. A observação perde amplitude, pois as nuances e as sutilezas sequer entram no campo de visão do pesquisador.

Quando a escola começou a fazer aulas híbridas, seguir com a pesquisa de modo remoto tornou-se ainda mais difícil. Além de todas as dificuldades de readaptação das turmas e dos professores em relação aos novos procedimentos sanitários em sala e programação das aulas – que frequentemente era remanejada –, o engajamento dos alunos em relação à plataforma digital reduziu ainda mais e, conseqüentemente, o mesmo ocorreu aos encontros síncronos por videoconferência. Atualmente, com o retorno das atividades de modo 100% presencial (embora ainda com rodízio de estudantes), essa ferramenta já não é mais utilizada como principal. Serve apenas como fonte de consulta. Por todos esses motivos, as aulas do “Projeto de Arte Digital Imersiva” tiveram de ser interrompidas. Espera-se que retornem em fevereiro de 2022, no início do ano letivo, muito provavelmente em campo presencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada período histórico, a sociedade passa naturalmente por transformações. Mesmo que as mudanças ditem novas regras de convivência e trabalho, elas ocorrem de forma gradativa e, por vezes, imperceptível. A pandemia de Covid-19 trouxe consigo mudanças abruptas, expondo vulnerabilidades e desigualdades sociais. As mulheres, os trabalhadores autônomos, as pessoas em situação de rua, os moradores de periferias e favelas, os deficientes, os idosos e os refugiados “são os grupos sociais que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a pandemia e se agrava com ela” (SANTOS, 2020, *on-line*).

Sob esse contexto, compreendemos também como a escola municipal *locus* do estudo, inserida em um bairro periférico, não obteve êxito no acesso de seus alunos à plataforma digital disponibilizada para as aulas. Nem todos os estudantes dispunham de equipamentos para acessá-la. E a rede municipal de ensino não chegou a fornecer dispositivos (*tablets* e *chips* de internet) como se esperava. Apostilas impressas foram entregues para diminuir esse abismo entre os alunos e a escola, mas eles seguiram excluídos do ambiente digital. Essa situação impactou diretamente o desenvolvimento de nossa pesquisa neste universo escolar.

O presente texto, portanto, buscou problematizar algumas das dificuldades encaradas para a realização de uma pesquisa etnográfica em meios digitais, dentro de uma instituição pública de ensino, durante a pandemia de Covid-19. Este contexto sanitário afetou diretamente todas as relações interpessoais e evidenciou os transtornos provocados pela exclusão digital e pela falta de letramento midiático em uma situação na qual os meios digitais eram as únicas possibilidades de estabelecer uma comunicação que mantivesse a integridade física e a segurança entre as partes. Quando o uso de tecnologias é condição *sine qua non* para manter laços educacionais e sociais, a carência de uma internet de qualidade e de mídias digitais suficientes para estabelecer a comunicação entre aluno e escola, ou entre pesquisador e objeto, afeta diretamente os resultados do ensino e da pesquisa.

Para Santos (2020), as pandemias mostram, com crueldade, como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. No entanto, “a pandemia de Covid-19 e a quarentena estão revelando que as sociedades são capazes de se adaptarem a novos modos de viver quando existe essa necessidade para o bem

comum” (SANTOS, 2020, *on-line*). Neste contexto, precisamos repensar as práticas educacionais, para que abarquem as transformações pelas quais o mundo passa. Dermeval Saviani (1986, p.69) traz a crítica escolanovista sobre como a prática pedagógica tradicional é um método mecânico, repetitivo e desvinculado das razões e das finalidades que o justificam. Entretanto, assim como Paulo Freire lutou por uma escola “a serviço dos interesses populares” (SAVIANI, 1986, p.71), a Escola Nova precisava implantar esse conceito de escola inovadora também para “as camadas populares” (SAVIANI, 1986, p.72).

Como diz Paulo Freire (2008), o que nos resta é “esperançar” e lutar por uma escola pública de qualidade, capaz de atenuar as injustiças sociais através de ações pedagógicas inovadoras. A tecnologia pode ser um excelente meio para auxiliar as práticas de ensino e não um artigo de luxo excludente, ou uma ferramenta pedagógica superficial. As camadas populares, assim como toda a rede pública de ensino, necessitam e têm direito a seu acesso. Negá-las informação é negá-las a dignidade humana.

Mas como Freire (2008) diz, a esperança necessita ser crítica para não ser ingênua. “Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer [...]” (FREIRE, 2008, p.11). A esperança impulsiona a superação das dificuldades e dos desafios para o caminho de transformação. E é no coletivo que ganhamos força, que a travessia rumo à liberdade pode ser feita com mais leveza. “Ninguém chega a parte alguma só, muito menos ao exílio” (FREIRE, 2008, p.32).

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em Cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, nº 86, p. 122-135, jun./ago. 2010.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; e VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário – Cinema, Cibercultura, Tecnologia da Imagem**. Ano 13. n.20. Porto Alegre: PUC/RS, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>. Acesso em: 21 nov. 2021.

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Alteridade, etnografia virtual E educação: aprendendo e ensinando com o outro. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME. ISSN 1809-0354. v. 8, n.3, p.921-935, set./dez. 2013. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3110/2487>. Acesso em: 21 nov. 2021.

EDUCAÇÃO Não Presencial na Perspectiva dos Alunos e Famílias, **Datafolha**, São Paulo, 7-15 jul. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Educacao-nao-presencial-na-perspectiva-dos-estudantes-e-suas-familias-Onda-6.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ERICKSON, Frederick. Microanálise etnográfica de interação (cap.3) In: MATTOS, C.L.G. (org). **Etnografia da Educação**. E-book. 2004. p. 87-147.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

JARDIM, Juliana Gomes. O uso da etnografia na pesquisa em educação. **Anais XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba: PUC-PR, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10590_6107.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

MATTOS, Carmen. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G. e CASTRO, P. A. de (orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

OLIVA, Caio. O cotidiano da cibercultura escolar: desafios e perspectivas de uma educação não presencial. In: **VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano**, 2021, Niterói. Anais [...] Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021. p. 451– p. 459. Disponível em: http://designnleitura.net.br/8sipmc/files/gt3_046_18170.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel Pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina S.A, 2020. ISBN 978-972-40-8496-1. Disponível em: https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 11^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

SENTIMENTO e Percepção dos Professores Brasileiros nos Diferentes Estágios do Coronavírus no Brasil, **Instituto Península**, maio 2020. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pulso-Sentimentos_-dados-compilado.pdf. Acesso em: 26 nov. 2021.

TIC Educação 2020, **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação**, São Paulo, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/indicadores/>. Acesso em: 26 nov. 2021.